

PREFERÊNCIA POR DISCORDÂNCIA EM CASOS DE AUTO-DEPRECIÇÃO: ANALISANDO CONVERSAS DE PESSOAS COM AFAZIA

Lívia Miranda de Oliveira*
Mônika Miranda de Oliveira**

RESUMO: O objetivo deste trabalho é verificar se a organização da preferência nas conversas, focalizando a preferência por discordância em casos de auto-depreciação, apresentaria-se conforme a descrição de Pomerantz publicada em 1984 sob o título “Concordando e discordando de avaliações: algumas características dos formatos de turno preferidos/despreferidos”. Com tal intuito, foram analisadas conversas gravadas em áudio e vídeo, envolvendo pessoas com afasia, segundo a perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica. As análises realizadas neste estudo corroboram a tese de Pomerantz sobre a preferência por discordância em casos de auto-depreciação, chamando a atenção para o fato de que a proposta de organização da preferência da autora também procede em conversas que envolvem pessoas com afasia.

PALAVRAS-CHAVE: afasia; conversa; preferência; discordância

ABSTRACT: The aim of this work is to investigate whether the organization of preference in conversations, with the focus on the preference for disagreement in self-deprecation situations, matches that described by Pomerantz and published in 1984 under the title “Agreeing and disagreeing with assessments: some features of preferred/dispreferred turn shapes”. With such an aim audiovisual recordings of conversations with persons with aphasia were analyzed within the framework of Conversation Analysis. The analyses accomplished in this study corroborate the Pomerantz thesis on preference for disagreement in self-deprecation, calling attention to the fact that the author’s preference proposal of organization also operate in conversations with persons with aphasia.

KEYWORDS: aphasia; conversation; preference; disagreement

Introdução

Estudos que abarcam a interface da Linguística com a área da saúde têm alcançado uma aceitabilidade cada vez maior, o que tem permitido aos estudiosos que se enveredam por esse caminho mostrar a relevância e a produtividade de tais estudos. No âmbito da Fonoaudiologia, a grande maioria dos pesquisadores que ousam adentrar o território sem fronteiras da Linguística optam, por alguma razão, por desbravar as arenas da Linguística Cognitiva ou Sócio-cognitiva. Talvez essa opção adquira fundamentos nas patologias da

* Doutoranda em Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

** Mestranda em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora.

linguagem, que acometem a cognição, estudadas pelo fonoaudiólogos. Todavia, considero que desviar um pouco o foco desses estudos para a arena social, mais especificamente para o *uso da linguagem*, também traria grandes contribuições para a intervenção fonoaudiológica junto a pessoas que sofreram acometimento das funções cognitivas, principalmente a linguagem. Por outro lado, as construções discursivas e as manifestações da competência social dessas pessoas permitiriam aos lingüistas aprofundar nas teorias que estudam, ou desenvolvem, sob o prisma do desvio da norma (referindo-se, aqui, àquilo que é esperado), o que os possibilitaria compreender melhor a própria norma.

Na tentativa de desbravar a arena social, que abarca não apenas atores sociais sem comprometimentos cognitivos, aprofundei-me nos estudos da Análise da Conversa Etnometodológica, e neste trabalho busco trazer ocorrências que corroboram os estudos deste campo, principalmente os estudos de Sacks (1973) e Pomerantz (1984) sobre preferência. Para isso, primeiramente, a co-autora deste artigo nos apresenta uma explanação acerca das afasias, propiciando um melhor conhecimento dos personagens que ilustram este estudo. Em seguida, inicio uma breve apresentação das noções basilares da perspectiva que fundamenta este trabalho, perpassando as veredas que levaram ao seu surgimento, a fim de convidar o leitor a deixar-se embarcar nessa viagem à esfera social, uma vez fornecida uma base para entender o que aí se passa. Prossigo aprofundando em um dos objetos de estudo dessa área - a organização da preferência - de modo a alcançar o fenômeno que escolhi tratar neste trabalho: a preferência por discordância em casos de auto-depreciação. Por fim, este fenômeno é, então, ilustrado com o discurso (verbal e não verbal) de pessoas que apresentam afasia em situações reais de interação social.

1- Entendendo as afasias

Segundo Jakobson (1975), o primeiro lingüista que se dedicou ao estudo das afasias, sendo seus primeiros trabalhos publicados na década de 60, a afasia trata-se de uma manifestação que escapa às teorias lingüísticas tradicionais, porque fere a norma, abala a gramaticalidade, perturba padrões estruturais e funcionais, e ainda assim, por estar relacionada à linguagem, deve ser contemplada pela lingüística.

A afasia consiste em um distúrbio da linguagem em que há comprometimento da capacidade de produção e/ou compreensão verbal relacionado a prejuízos dos mecanismos lingüísticos envolvidos no funcionamento da linguagem e nos processos cognitivos de alguma maneira a ela associados, decorrente de lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central em virtude de Acidentes Vasculares Encefálicos (AVEs), Traumatismos Crânio-encefálicos (TCEs), tumores ou outras afecções. Portanto, podemos considerar que essa patologia acaba por comprometer as práticas lingüísticas e discursivas da vida cotidiana. Conforme bem destaca Morato (2004:154), “a afasia pode e geralmente é acompanhada de alterações de outros processos cognitivos e sinais neurológicos, como a hemiplegia (paralisia de um dos lados do corpo), a apraxia (distúrbio da gestualidade), a agnosia (distúrbio do reconhecimento), a anosognosia (falta de consciência por parte do sujeito cérebro-lesado), etc”.

Minha proposta neste item não consiste em realizar uma explanação acerca das classificações da afasia, visto que existe um grande número de terminologia que classifica as várias síndromes de afasia, além de existirem diversas perspectivas a partir das quais se pode estudar tal patologia. Todavia, assumo aqui um posicionamento que não considera *mister* a concepção de afasia baseada em uma visão localizacionista que trata da correlação lesão-sintoma lingüístico de modo a alcançar a tipologia das afasias. Voltarei meu foco para as manifestações lingüísticas, portanto, para o uso da linguagem, por considerar que o discurso de pessoas com afasia nos oferece ferramentas para compreender esse distúrbio da linguagem sem a necessidade de associar a esse uma classificação. Diante de tais considerações, prossigo versando a respeito das manifestações lingüísticas reveladas no discurso das participantes desse estudo, que são pessoas que apresentam comprometimento da capacidade de expressão verbal a fim de possibilitar ao leitor conhecer um pouco melhor o cenário em que a preferência por discordância está sendo estudada.

Tomando como base as definições de Murdoch (1997), o discurso das participantes deste estudo revela algumas manifestações lingüísticas como: anomia (dificuldade de nomeação), podendo ser decorrente de uma dificuldade em acessar o léxico ou recuperar informações a ele referente (dificuldade de encontrar palavras); parafrasia verbal (substituição de palavras); parafrasia literal (substituição de parte de palavras); fala

telegráfica (com predominância de substantivos e verbos de ação e escassez de adjetivos, advérbios e preposições, conferindo um estilo telegráfico ao discurso). Entretanto, gostaria de destacar que essas não esgotam o conjunto de manifestações linguísticas apresentadas por pessoas com afasias, e que nem todas as participantes apresentam todas, tampouco as mesmas, manifestações em seus discursos, como o leitor irá perceber ao longo das conversas aqui analisadas.

2- A Análise da Conversa Etnometodológica

A Análise da Conversa, ou melhor, a *Análise da Conversa Etnometodológica* (ACe), surgiu em meados dos anos 60 dentro da micro *sociologia*, através do trabalho de Harvey Sacks e colaboradores, como uma abordagem direcionada ao estudo da organização social da conduta diária.

Antes da ousadia de Harvey Sacks de olhar para as interações mundanas e se interessar pelo estudo da conversa cotidiana, havia uma crença comum de que a conversa era um fenômeno um tanto desorganizado para poder ser elevado à posição de objeto de pesquisa. Porém, não obstante os preconceitos dos estudiosos de sua época, Sacks não se deteve em seu interesse de estudar a conversa cotidiana e, como pioneiro nessa vertente de estudos, desvendou que existe ordem a ser descoberta no mais básico dos sistemas de trocas de fala. Suas observações o permitiram conferir que as ações sociais são ocorrências metódicas, e que a descrição dessas ações, portanto, seria a descrição de conjuntos de procedimentos formais que os membros empregam. Embuída dessa pretensão a Análise da Conversa, cujo mentor foi Sacks, orientou-se à descoberta, descrição e análise de ocorrências metódicas, ou seja, de procedimentos formais que são utilizados pelos membros na realização de ações sociais diárias.

Grandiosas foram as primeiras descobertas de Sacks e demais estudiosos que se enveredaram por esse caminho. Utilizando a transcrição como ferramenta de estudo o analista da conversa pretendia alcançar o objetivo de seu estudo que consiste em descrever a organização dos padrões de ação nas diversas atividades da vida humana. Assim surgem

os modelos de organização da fala, que nada mais são do que sistemas de regras (métodos realizados pelos interactantes para realizar ações), como por exemplo, o modelo de tomada de turnos na conversa, o modelo de organização seqüencial da conversa, o sistema de reparos, o sistema de preferência. Esses são modelos que apresentam propriedades sistemáticas, que refletem propriedades organizacionais da conversa.

Neste artigo voltarei o foco para as preferências, mais especificamente para a organização de um tipo particular de preferência: a preferência por discordância em caso de auto-depreciação. À primeira vista, este parece ser tipo de preferência que se contrapõe à organização da preferência, visto que concordâncias são preferidas. Todavia, ilustrarei esta particularidade da organização da preferência com a apresentação de uma conversa onde alguns participantes são pessoas com afasia. O fato da afasia ser uma patologia da linguagem fez com que, durante a conversa que irei apresentar, as pessoas portadoras de tal patologia tornassem relevantes atributos de valor negativo associados ao comprometimento lingüístico que apresentam. Isso chamou a atenção para atitudes de auto-depreciação por parte de pessoas com afasia, o que colocou em jogo a maquinaria da preferência, tornando saliente a necessidade da discordância como resposta preferida a essas atitudes.

3- Entendendo a estrutura de uma conversa:

As conversas são organizadas respeitando uma ordem necessária para torná-las inteligíveis. Tal ordem pode ser observada na sistematicidade dos modelos de organização da fala que trata, por exemplo, da organização seqüencial, da tomada de turnos, dos reparos e das preferências em uma conversa. Essas são noções que serão brevemente apresentadas aqui a fim de fornecer uma base sobre a qual as conversas deste estudo serão analisadas em direção à busca daquilo que pode ser considerada uma exceção nas tendências de preferência – a preferência por discordância.

3.1- A organização seqüencial da conversa

A ACE estuda as elocuições presentes na conversa a fim de compreender a organização da produção oral de palavras na situação de interação. Essas elocuições

constituem formas de ação, localizadas em algum posicionamento temporal, em uma seqüência de ações da fala-em-interação. A organização das ações na conversa ocorre por meio de *pares adjacentes*. Estes, em sua forma mínima, não expandida: 1) são compostos de dois turnos; 2) são executados por diferentes falantes; 3) posicionam-se adjacente, ou seja, em turnos adjacentes; 4) podem ser diferenciados em primeira parte do par (PPP) e segunda parte do par (SPP); 5) são de tipo específico, ou seja, não é qualquer SPP que pode seguir uma PPP (Gago, 2005). Constituem exemplos de pares adjacentes as seguintes ações que ocorrem em pares: o cumprimento e o retorno do cumprimento, a pergunta e a resposta, o convite e a aceitação/recusa, entre outros.

Podemos considerar os pares adjacentes a unidade básica de construção de seqüências conversacionais, ou então, a seqüência mínima conversacional em sua forma não expandida. Visto que esta unidade básica é composta por uma Primeira Parte do Par de base (PPPb) e por uma Segunda Parte de Par de base (SPPb), após uma PPPb espera-se que a fala seguinte seja relevante, em termos de ser uma resposta possível à PPPb proferida. Isso nos permite dizer que os pares adjacentes ativam regras de *relevância*, em termos das quais os participantes analisam as ações uns dos outros. De acordo com a *relevância condicional*, após a ocorrência de uma PPP torna-se relevante a ocorrência de uma SPP, ou seja, a escolha da ação relevante para compor o segundo turno está atrelada à ação que foi realizada no primeiro turno, o que nos permite observar que a construção de um turno é *sensível ao contexto*. Entretanto, como destaca Sacks (1974:56), para qualquer PPP devem existir diversas SPP que possam ser introduzidas, ou seja, tendo sido realizada uma oferta, você pode tanto aceitar quanto rejeitar, e ambas são 'legais'.

As seqüências mínimas de pares adjacentes podem sofrer expansões. Neste caso, ocorre adição de turnos de fala, demonstrando uma participação adicional das partes e implicando um trabalho interacional em torno da ação de base. Os turnos de fala podem ser adicionados: 1) antes da PPPb – *pré-expansão*; 2) entre a PPPb e a SPPb – *expansão por inserção*; 3) e após a SPPb – *pós-expansão*. Além das seqüências mínimas, a própria expansão também pode sofrer expansão.

3.2- A sistemática elementar para organização da tomada de turnos na conversa

Um modelo para tomada de turnos na conversa é caracterizado, no mínimo, como gerenciado localmente, administrado pelas partes, controlado interacionalmente e sensível a ajuste do interlocutor (Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974).

No estudo da organização da tomada de turnos, Sacks, Schegloff, e Jefferson (1974) notaram que os falantes falam principalmente um de cada vez, que a troca de falante ocorre muito facilmente, que sobreposições de fala são breves, e que transições ocorrem de um turno para o próximo com pequeno *gap* e sem sobreposição de fala. Os autores propuseram que o sistema de tomada de turnos para a conversa poderia ser descrito em termos de dois componentes - componente de construção de turno e componente de alocação de turno - e um conjunto de regras.

3.2.1- Componente de construção de turno

O tipo de unidade com a qual um falante pode produzir seu turno de fala varia, podendo constituir uma sentença, uma cláusula, um sintagma ou uma palavra. Esta última inclui qualquer som audível. Essas unidades apresentam um caráter de projetabilidade que as permite projetar um ponto de finalização, ou seja, um ponto no qual essas unidades, cada qual com seu respectivo ponto de finalização, seriam completadas.

No início de qualquer unidade, o falante é designado a atingir o tempo que levaria para completar a unidade, tendo um turno para isso. Quando a mesma fosse completada, um lugar relevante para transição seria alcançado, e neste ponto seria possível realizar a troca de falantes. Na verdade, foi em tais pontos de finalização que descobriram que ocorriam as trocas de falantes, pois como visto anteriormente os falantes não seguem regras, eles refletem as regras em suas práticas sociais.

3.2.2- Componente de alocação de turno

A alocação de turnos envolve duas técnicas:

- (a) falante corrente seleciona o próximo falante, e
- (b) falante corrente se auto-seleciona para iniciar um próximo turno

Essas técnicas se enquadram em um sistema de tomada de turnos organizado pelas seguintes regras:

1.

a. Se a alocação de turno foi realizada de forma que o falante corrente selecionou o próximo falante, a pessoa selecionada tem o direito de começar a falar no próximo turno.

b. Se a alocação de turno foi realizada da forma que não envolvesse “falante corrente seleciona o próximo”, a auto-seleção pode ser iniciada e quem começar a falar primeiro ganha o direito ao turno.

c. Se a alocação de turno foi realizada da forma que o falante corrente não selecionou o próximo, o falante corrente pode continuar a falar ao menos que alguém se auto-selecione.

2. Este sistema é recursivo, portanto, se no ponto que a unidade de turno inicial alcançou seu lugar relevante para transição inicial, nenhuma das regras acima (1a ou 1b) foram operadas e se, de acordo com a regra 1c, o falante corrente continuou a falar, as regras a-c se reaplicariam no próximo lugar relevante para transição. Isto prosseguiria recursivamente até que uma transferência de falantes ocorresse.

Essas regras foram ordenadas tal como as próprias técnicas de alocação de turno, isto é, o mesmo falante seleciona o próximo tem prioridade sobre a auto-seleção do próximo falante. Além disso, o “primeiro a começar tem direitos”, fornecidos pela regra 1b, ordena as possibilidades a favor do primeiro falante e reduz a possibilidade de muitas partes se auto-selecionarem, o que produziria muitos falantes falando simultaneamente.

Por possibilitar que o falante corrente selecione o próximo em qualquer momento da fala, até mesmo no final de uma elocução, o sistema minimiza a possibilidade de falantes se auto-selecionarem antes do lugar relevante para transição ser alcançado. Se o falante corrente continua a falar, reciclando, assim, as regras, a auto-seleção só ocorreria no próximo lugar relevante para a transição. Desta forma o sistema minimiza a possibilidade

de sobreposição e situa os *gaps* e as sobreposições no lugar relevante para transição, impossibilitando suas ocorrências em qualquer lugar da fala.

3.3- O sistema de reparo conversacional

Para os analistas da conversa, reparos são tentativas de resolver o que é percebido e/ou definido como um “problema” ou “dificuldade” no curso da interação (Duranti, 1997), constituindo (re)formulações do texto falado ou, então, (re)construções da fala-em-interação. A noção de reparo está intimamente relacionada à natureza seqüencial da interação conversacional, uma vez que se trata de um mecanismo que permite às pessoas envolvidas em uma conversa manter a continuidade¹ da interação e, ao mesmo tempo, lidar com quaisquer problemas que possam surgir na conversa.

As finalidades pelas quais o falante recorre ao reparo consistem em explicitação ou atenuação da informação processada, ou argumentação ou dilação do discurso por necessidade processual. Em outras palavras, há vezes em que uma pessoa acha que precisa “consertar” ou (re)formular o que está sendo dito ou feito. Esse “conserto” ou essa (re)formulação podem ser feitos pelo mesmo falante, que retifica sua descrição anterior, tornando-a mais específica. Outras vezes, o reparo pode ser iniciado por um outro falante e, então, levado a cabo pela pessoa que originou o “problema”. Esse reparo iniciado pelo outro interlocutor é, tipicamente, realizado mediante o que os analistas da conversa chamam de iniciadores de reparo, isto é, por perguntas composta por uma palavra, como *Ã?*, *Que?*, *Quem?* ou por uma pergunta-eco, isto é, uma pergunta que repete parte da estrutura que é definida como “problema” e adiciona um pronome interrogativo, por exemplo, *quem?* e *qual?*, que podem ser usados para reparar um substantivo, e *fazer o quê?* ou *ir onde?*, que podem ser usados para reparar um predicado. O reparo pode ser, também, iniciado e levado a cabo por um outro interlocutor. Schegloff, Jefferson e Sacks descobriram que os reparos são organizados de maneiras previsíveis, e essa organização está relacionada a uma preferência, na conversa, por deixar que os falantes reparem seus próprios “problemas”.

¹ Essa continuidade não precisa ser temática e pode estar relacionada a manter a atenção de um interlocutor, conforme demonstrado por Goodwin (1979, 1981).

3.4- A organização da preferência

O estudo da seqüencialidade nas conversas chamou a atenção de Sacks para um outro fenômeno: a noção de preferência. Segundo o autor, as primeiras e segundas partes do par são ‘conectadas por tipo’, ou seja, as SPP são selecionadas a partir de alternativas adequadas ao tipo da PPP. Assim sendo, o que o falante do segundo turno irá produzir como SPP irá depender do que o falante do primeiro turno produziu como PPP. Diante disso, de acordo com Sacks (1973: 56), “para a maioria dos tipos de pares adjacentes existem alternativas nas posições da segunda parte do par”. Schegloff (1995: 55) complementa a assunção de Sacks, destacando que “os tipos alternativos de segunda parte do par que uma primeira parte do par torna relevante não são equivalentes ... não são ‘alternativas simétricas’”. Ainda de acordo com o autor, “a resposta à primeira parte do par que incorpora ou favorece a realização da ação é a segunda parte do par favorável – ou, como podemos chamar, a preferida” (Schegloff, 1995: 55).

Mantendo o foco no caráter seqüencial das conversas, observamos tanto uma preferência por contigüidade entre pergunta e resposta quanto uma preferência pela concordância entre pergunta e resposta.

De acordo com Sacks (1973: 58),

existe uma aparente interação entre a preferência por contigüidade e a preferência por concordância, tal que se uma resposta de concordância ocorre, ocorre, também, contigüidade; enquanto se uma resposta de discordância ocorre, ela pode muito bem ser adiada mais para o final do turno.

Baseado em tal asserção podemos entender que a pessoa que responde constrói seu turno de tal modo que as respostas de concordância aparecem imediatamente em seus turnos, sendo contíguas com perguntas, ao passo que as respostas de discordâncias são adiadas para o final do turno e não são contíguas com as perguntas. A partir dessa interação entre concordância e contigüidade, e discordância e não-contigüidade, podemos destacar que a proposta anterior de que as respostas vinham contiguamente às perguntas será sustentada apenas quando houver concordância entre pergunta e resposta. Como Sacks (1973: 62) argumentou, “‘existe um mundo real lá fora’ onde vai haver discordância por

alguma razão ... os fenômenos originais não podem ser eliminados por uma preferência conversacional”.

A fim de ilustrar a noção de preferência podemos recorrer às descobertas de Sacks em seu tão comentado e divulgado estudo das chamadas telefônicas para o Centro de Prevenção ao Suicídio em Los Angeles. O autor notou que existe uma tendência para responder ‘sim’ a uma pergunta como ‘posso ajudar?’, e isso o levou a refletir sobre o que acontece quando um tipo diferente de resposta (eg. eu não sei) ocorre. Em relação à oferta, realizada através dessa pergunta que o atendente faz à pessoa que realizou a chamada telefônica, Sacks especulou que uma recusa poderia ser considerada uma forma de rejeição da rotina de tratamento empregada nesse tipo de serviço de atendimento.

Desde essas observações preliminares, diversos estudos na perspectiva da ACE tem mostrado que em todos os tipos de situações existem ações preferidas, e que o estudo das ações preferidas e despreferidas nos remete àquilo que é considerado normal e esperado em uma dada situação. Segundo Duranti (1997: 260), “olhar para a estrutura de preferência é uma forma de alcançar o coração daquilo que faz da linguagem um poderoso instrumento da cultura”. Essa tese de Duranti corrobora a opinião de Sacks e de outros analistas da conversa de que as preferências não devem ser pensadas como propriedades psicológicas, mas como tendências fornecidas no e pelo sistema. De acordo com Schegloff (1995: 58), por exemplo, “durante a discussão de *preferência* e *despreferência* é importante manter claramente o foco na característica social/interacional das seqüências e nas orientações a elas não como algo psicológico” (grifos do autor). Portanto, não se trata de buscar motivações individuais para determinados comportamentos, e sim olhar para aquilo que os falantes fazem, e descrever uma preferência cultural (Bilmes, 1988; *apud.* Duranti, 1997: 260). Isso nos permite considerar que a noção de preferência não é individualmente, mas coletivamente definida.

De acordo com Duranti (1997: 260), preferências são estruturas interpretativas dentro das quais os membros devem operar ao se engajarem em uma conversa. O autor argumenta que é sempre possível resistir a ou violar uma preferência em favor de uma mudança despreferida. Porém, tal movimento necessita de algum trabalho extra para lidar com o problema criado, não ocorrendo, portanto, sem conseqüências. Os falantes realizam

escolhas, mas essas escolhas são restringidas pelo sistema dentro do qual eles operam de modo a serem considerados membros de uma sociedade (Duranti, 1997: 263).

Outro estudo que forneceu grandes contribuições acerca do fenômeno da preferência foi desenvolvido por Pomerantz (1984). A autora analisou as características dos formatos dos turnos preferidos/despreferidos em casos de concordâncias e de discordâncias de avaliações.

Ao fazer um elogio – uma avaliação positiva de algo/alguém – o falante do primeiro turno está convidando o falante do segundo turno a também elogiar, ou seja, avaliar positivamente o referente. Observa-se, portanto, a preferência por concordância: a avaliação inicial convida a uma concordância subsequente, logo, a segunda avaliação é proferida como uma concordância. Porém, além dos elogios, outras avaliações fazem parte da maquinaria conversacional, e dependendo do tipo das primeiras avaliações as segundas avaliações podem ou não ser uma concordância. Pomerantz (1984: 63) faz uma explanação inicial acerca das avaliações:

Ao proferir uma avaliação inicial um falante formula a avaliação a fim de realizar uma ação ou múltiplas ações, por exemplo, elogio, reclamação, cumprimento, insulto, vangloriação, auto-depreciação. No turno seguinte ao proferimento inicial uma ação por parte do recipiente é relevante: concordar ou discordar com o anterior. Concordância/discordância são ações alternativas que se tornam relevantes diante do proferimento de avaliações iniciais. Tais concordâncias ou discordâncias são realizadas por meio de segundas avaliações.

O proferimento de uma avaliação inicial, embora torne relevante uma concordância ou uma discordância por parte do recipiente, pode ser estruturada de modo a provocar uma determinada próxima ação ao invés de sua alternativa. Portanto, o que é preferido como próxima ação é estruturado, em parte, pela ação executada através da avaliação inicial. Pomerantz (1984: 64) nos oferece um exemplo a respeito dessa estruturação quando comenta que “subsequente a uma auto-depreciação, a preferência usual por concordância é não-operativa. Uma concordância com a auto-depreciação anterior é despreferida”.

As ações preferidas e despreferidas se diferenciam quanto ao formato de seus turnos (cf., por exemplo, Schegloff, 1995). No caso de ações preferidas, temos um modelo que maximiza a ocorrência da ação que está sendo executada, utiliza a minimização do *gap* entre o final do primeiro turno e o início do segundo turno (onde a ação preferida é

realizada), e contém componentes que são exemplos explicitamente declarados da ação que está sendo executada. Ao passo que, no caso de ações despreferidas, temos um modelo que minimiza a ocorrência da ação que está sendo executada, utiliza atrasos na inicialização do segundo turno (onde a ação despreferida é realizada), e contém componentes da ação declarados de uma forma não explícita.

Podemos considerar que o formato do turno reflete a orientação da ação. Segundo Pomerantz (1984: 64), “existe uma associação entre o status de preferência da ação e o formato em que ela é produzida”. Em seu estudo, a autora descreve os tipos de organização relacionados à produção das segundas avaliações (avaliações que seguem as avaliações iniciais, ou seja, avaliações realizadas na SPP), mostrando a relevância do status da preferência nas produções das segundas avaliações ao examinar: i) as segundas avaliações que são produzidas quando a concordância é preferida; e ii) as segundas avaliações que são produzidas quando a discordância é preferida. Estas últimas abarcam objeto de investigação deste trabalho: discordância em casos de auto-depreciação.

3.4.1- Quando a concordância é preferida

Após uma avaliação inicial que convida a uma concordância por parte do recipiente, concordâncias e discordâncias são realizadas em turnos diferentemente organizados de modo a maximizar as concordâncias e minimizar as discordâncias. As características dos diferentes formatos dos turnos podem ser resumidas nos quatro pontos abaixo, apresentados por Pomerantz (1984: 65):

1. concordâncias têm componentes de concordância ocupando os turnos de concordância inteiros; discordâncias são sempre introduzidas.
2. concordâncias são realizadas com componentes de concordância declarados; discordâncias podem ser realizadas através de uma variedade de formas, variando desde discordâncias não declaradas a discordâncias declaradas. Frequentemente, as discordâncias, quando declaradas, são formadas como concordâncias parciais/discordâncias parciais; são formas fracas de discordância.
3. Em geral, concordâncias são realizadas com uma minimização de *gap* entre a finalização do turno anterior e a iniciação do turno de concordância; componentes de discordância são frequentemente adiados dentro de um turno ou ao longo de uma série de turnos.
4. Ausências das concordâncias ou discordâncias futuras por parte do recipiente com *gaps*, pedidos de clarificação, e assim por diante, são interpretados como exemplos de discordâncias não declaradas ou ainda não declaradas.

Diante de tais características torna-se relevante acrescentar que quando a concordância é preferida, as discordâncias podem ser precedidas por dispositivos inter-turno - reparos (eg. pedidos de clarificação) e silêncio – e dispositivos intra-turno - marcadores (eg. Bom↓) que sinalizam relutância ou desconforto, e concordância – que consistem em dispositivos de adiamento da discordância. Pelo fato das concordâncias e discordâncias serem componentes contrastivos, quando incluídas dentro de um mesmo turno, o componente de concordância é ligado ao componente de discordância por uma conjunção contrastiva (eg. mas). Nesse caso, tanto o componente de discordância quanto o componente de concordância são considerados fracos, sendo tal formato de turno utilizado para discordar, como acabamos de ver. Na discordância considerada forte, o falante pronuncia uma avaliação que é diretamente contrastiva com a avaliação inicial.

Embora as discordâncias possam ser perfeitamente operativas, de acordo com Pomerantz (1984: 77), a preferência por concordância opera na vasta maioria dos pares de avaliação. Enquanto concordâncias sinalizam conforto, apoio, sociabilidade, solidariedade, discordâncias sinalizam desconforto, dificuldade, risco de ameaça, insulto, ofensa. Todavia, existem circunstâncias em que sociabilidade e apoio, entre outros, são realizados por meio de discordâncias, como em casos em que a primeira avaliação (realizada pela PPP) consiste em auto-depreciação. Iremos, a seguir, nos aprofundar nesses casos, visto que se trata de nosso objeto de investigação.

3.4.2- Quando a discordância é preferida

Após auto-depreciações os participantes tratam tipicamente as discordâncias como preferidas e as concordâncias como despreferidas. Quando um falante produz uma avaliação que consiste em uma auto-depreciação, uma concordância por parte do próximo falante com a crítica do anterior equivale a uma crítica por parte do segundo falante de seu co-participante. Durante uma conversa, além desse tipo de crítica, que é fruto de uma concordância com uma auto-depreciação, podem ocorrer outros tipos, como por exemplo, as críticas direcionadas a uma pessoa que não está participando de uma conversa, ou até mesmo a um objeto ou lugar. Independente do tipo, as críticas consistem em uma classe de ações que são, na maioria das vezes, realizadas em turnos de ação despreferida que

apresentam, portanto, formato de seqüência de ação despreferida (eg. presença de atraso ou ocultamento da crítica em um primeiro momento para apresentação posterior, ou simples ocultamento através do silêncio).

Quando críticas são proferidas, os turnos freqüentemente apresentam componentes fracos (eg. o turno se inicia com uma avaliação positiva, e após esta é acrescentada uma conjunção contrastiva que introduz a avaliação crítica). Portanto, o turno é formado por uma avaliação favorável seguida por uma avaliação desfavorável, sendo que a primeira é realizada pelo emprego de um termo moderadamente positivo (eg. gosto, ao invés de adoro), e a segunda é geralmente formada como uma exceção. Esse formato de turno é estruturalmente similar ao formato de turno de discordâncias (concordância mais discordância). A introdução do componente contrastivo após a avaliação positiva é implicativa de uma ação despreferida.

Subseqüente a auto-depreciações, quando o falante que realiza a segunda avaliação discorda da avaliação realizada pelo falante anterior (a auto-depreciação), ele demonstra apoio ao seu co-participante. Por outro lado, quando o falante que realiza a segunda avaliação concorda abertamente com a crítica, ele endossa a crítica do seu co-participante como sua própria. Entretanto, os participantes podem ser críticos até mesmo quando eles não concordam abertamente com a crítica. Conforme destaca Pomerantz (1984: 81), “se criticar um co-participante da conversa é visto como uma indelicadeza, algo lesivo ou errado (como uma ação despreferida), um participante de uma conversa pode hesitar, esquivar ou até minimizar a discordância ao invés de concordar com a crítica”. Assim também, “se apoiar os co-participantes da conversa é visto como natural, correto e/ou desejável (como uma ação preferida), os participantes da conversa declarariam abertamente suas discordâncias com as auto-depreciações anteriores” (Pomerantz, 1984: 81).

Após uma avaliação inicial de auto-depreciação, discordâncias e concordâncias são executadas com diferentes organizações de turnos, dado que nesses casos as discordâncias são preferidas.

3.4.2.1- Discordância de auto-depreciação

Os turnos de discordância em caso de auto-depreciação apresentam as seguintes características: os componentes de discordância geralmente ocupam as unidades de resposta inteiras; os componentes de discordância mais prevalentes consistem em repetições parciais (contestam e/ou discordam da avaliação anterior, sendo sempre seguidas, no mesmo turno ou em um turno subsequente, por outros componentes de discordância), negações (podem ocorrer como primeiro componente nas respostas) e elogios (são contrastivamente classificados em relação às formulações da auto-depreciação anterior, sendo constituídos por termos favoráveis que denotam elogios). Porém, esses componentes não esgotam a gama de componentes utilizados na construção de turnos de discordância.

As discordâncias de auto-depreciações são realizadas como discordâncias declaradas, conforme nos demonstra Pomerantz (1984: 86-88) através de seus exemplos:

- (1) Um falante pode discordar ao proferir uma avaliação que pretende acessar o atributo avaliado de forma crítica, isto é, ao proferir uma segunda avaliação contrastiva (elogio e/ou negação);
- (2) Um falante pode se desafiliar da avaliação crítica anterior ao proferir uma avaliação que não tem pretensão de acesso, ou seja, ao proferir uma avaliação crítica da fala anterior;
- (3) Um falante pode subestimar uma avaliação de auto-crítica anterior ao reformular ou recategorizar de uma forma mais favorável o atributo de auto-depreciação;
- (4) Um falante pode subestimar a auto-depreciação anterior ao propor que ela é um produto de um atividade indevida.

Assim sendo, o recipiente de uma auto-depreciação tem como ações alternativas relevantes concordar e endossar a avaliação crítica anterior, ou discordar e subestimar sua validade. Entretanto, como visto anteriormente, avaliar criticamente um co-participante é uma ação despreferida e, como tal, executada com atrasos, ocultamentos e componentes fracos. Diante disso, quando a avaliação inicial consiste em uma auto-depreciação, a ação preferida para ser realizada como segunda avaliação é uma discordância, o que justifica as características do turno de discordância, neste tipo de caso, que conferem ao mesmo um formato de turno de ação preferida.

3.4.2.2- Concordância com auto-depreciações

Os turnos de concordância com auto-depreciações podem ser construídos com componentes de concordância declarados, porém, consistem em tipos fracos de concordância. O formato das seqüências em que o recipiente concorda com a auto-depreciação é o mesmo formato das seqüências em que a concordância é preferida, mas é a discordância que ocorre, sendo, portanto, o mesmo formato de turnos de ação despreferida.

O recipiente de uma auto-depreciação pode concordar com a mesma ao proferir uma segunda auto-depreciação (avaliação de si próprio), formulando-a como segunda em uma seqüência de concordância. Nesse caso, o atributo de auto-depreciação que o falante anterior sustentou passa a ser sustentado, também, pelo recipiente, o que subestima o valor negativo de tal atributo. Este pode ser considerado, como mencionado acima, um tipo fraco de concordância, pois embora o recipiente concorde com falante anterior, eles acabam subestimando a auto-depreciação anterior ao propor que os atributos de depreciação são partilhados (pelos dois participantes) e/ou são menos negativos que o falante anterior tinha proposto. A concordância com a auto-depreciação também pode ser realizada por meio de uma confirmação da avaliação inicial (a auto-depreciação) por parte do recipiente. Esse tipo de concordância pode ser enfraquecido com uma suposição (eg. após uma auto-depreciação o falante do turno seguinte profere “eu supunha” ou “eu imaginava”, permitindo inferir que ele supunha ou imagina que o falante que proferiu a auto-depreciação tivesse os atributos negativos apresentados em sua auto-avaliação), consistindo em uma forma de criticar o co-participante.

O recipiente de uma auto-depreciação pode produzir uma resposta que não deve previamente ser interpretada como uma concordância nem como uma discordância, como por exemplo, quando ele permanece em silêncio ou quando ele apenas fornece um sinal de reconhecimento (eg. anram). Porém, o silêncio do recipiente após a auto-depreciação do falante anterior é uma resposta que exhibe um formato de turno de ação despreferida, sinalizando, ao mesmo tempo, uma concordância potencial, ou seja, que uma concordância está por vir. Por outro lado, o silêncio pode ser uma oportunidade para o falante que realizou a auto-depreciação tomar o turno e minimizar a crítica. Os reconhecimentos são

diferentes de concordâncias, pois o recipiente apenas reconhece, não produzindo nada além do seu reconhecimento em seu turno.

Algumas características da organização dos turnos operam em relação ao status de preferência/despreferência das ações, ou seja, o formato do turno é específico ao status da ação. Podemos entender melhor essa tese de Pomerantz se voltarmos a considerar o silêncio como uma resposta. Como acabamos de ver, quando o recipiente de uma auto-depreciação, cuja resposta preferida é a discordância (apresentada imediatamente após a avaliação inicial, já que tal discordância exibe um formato de turno de ação preferida, não apresentando, portanto, *gap*), mantém-se em silêncio, esse silêncio sinaliza uma concordância não declarada, ou ainda não declarada, com a crítica do co-participante. Ao passo que quando uma avaliação inicial convida a uma concordância e o recipiente fica em silêncio, o silêncio sinaliza uma discordância não declarada, ou ainda não declarada, da avaliação inicial. Para simplificar podemos sumarizar da seguinte forma: se a resposta preferida é uma discordância, o silêncio sinaliza concordância; se a resposta preferida é uma concordância, o silêncio sinaliza discordância. Portanto, o que diferencia as interpretações do silêncio é o status de preferência/despreferência das ações.

4- A preferência por discordância em casos de auto-depreciação: analisando conversas que envolvem pessoas com afasia

No intuito de fornecer exemplos que corroboram e ilustram a tese de Pomerantz acerca da preferência por discordância em casos de auto-depreciações, foram analisadas conversas envolvendo pessoas com afasia interagindo em grupo. Tais conversas fazem parte do *corpus* gerado para a pesquisa de mestrado intitulada “A co-construção de identidades em interações face-a-face entre pessoas com e sem afasia de expressão”², composto de aproximadamente quinze horas de gravações. As conversas foram gravadas em áudio e vídeo e transcritas conforme o sistema desenvolvido por Gail Jefferson, e

² Trata-se do título da dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, em maio de 2008, sob orientação da professora Dra. Sonia Bittencourt Silveira.

adaptado por ela mesma em 2002. Os participantes, exceto Livia, foram identificados por pseudônimos. O grupo que participava das gravações era composto por mim e três mulheres com comprometimento da capacidade de expressão verbal devido à afasia (Carla, 55 anos; Tereza, 45 anos; e Laura, 37 anos) que foram acometidas por AVC há aproximadamente 10 anos, 7anos e 1 ano, respectivamente, tomando como referência o ano em que aconteceram tais encontros (2007), sendo que em um desses encontros recebemos a visita de uma psicóloga (Cândida). Alguns segmentos das conversas foram selecionados para serem analisados neste estudo à luz da perspectiva qualitativa e interacional que o sustenta.

Início, portanto, a análise dos segmentos, apresentando um trecho de uma conversa em que Laura (37 anos) fala da sua vida após o AVC, que deixou como seqüela uma alteração da linguagem verbal, comprometendo a capacidade de expressão verbal.

01 Laura: é:: eu acho assim oh (.) uma vez uma pessoa me falou
02 que "você (.) na dor (.) você procurar Deus na dor".
03 Procurei (.) na dor (.) dor (.) né? e:: meus
04 familiares (.) importante pra mim e:: a mãe é:: (.) a
05 mãe é:: a mãe chorou pá caramba! Sofreu junto comigo
06 (.) a Luana e o Beto tamém (.) né? (pausa) Depois (.)
07 revolta parou e eu não saio. Porque↑ é:: >eu acho
08 assim< que:: (.) não saio <fim de semana> porque eu
09 conhecer uma pessoa (pausa) a pessoa, "você teve um
10 problema?" é:: "eu tive derrame cerebral!" (.) a
11 pessoa,
12 (.) correr de mim↑ ((risos))
13 Livia: depende da pesso::a.

Ao olharmos para os dois turnos de fala acima, iremos perceber que no final do primeiro turno Laura realiza uma avaliação negativa de si própria ao proferir "eu tive derrame cerebral! (.) a pessoa, (.) correr de mim↑", o que nos permite observar que ela não se considera uma pessoa digna de atenção devido ao fato de ter sofrido AVC. Em resposta à auto-depreciação realizada na PPP, Livia, na linha 12, discorda da avaliação de Laura ("depende da pesso::a."). Ao observarmos, então, a SPP, iremos perceber que Livia constrói seu turno através da apresentação de uma discordância declarada que subestima a crítica de Laura. Essas observações vão ao encontro das descobertas de Pomerantz (1984), pois, por um lado, Livia declara explicitamente sua discordância, e

autora defende que em casos de auto-depreciação, a SPP preferida consiste em uma discordância, e que, neste caso, o formato do turno da discordância assume o formato de turnos de ação preferida, ou seja, apresenta maximização da ocorrência da ação que está sendo executada, utiliza a minimização do *gap* entre o final do primeiro turno e o início do segundo turno e contém componentes que são declarações explícitas de discordância. Por outro lado, o fato de Livia subestimar a avaliação de Laura ilustra a proposta de Pomerantz (1984: 87) de que “um falante pode subestimar uma avaliação de auto-crítica anterior ao recategorizar ou reformular de uma forma mais favorável o atributo de auto-depreciação”.

Uma análise semelhante a essa que acabei de apresentar também pode ser aplicada ao segmento abaixo em que Laura comenta que resolveu terminar um relacionamento que mantinha antes do AVC, e afirma que agora, após o AVC, dificilmente uma pessoa iria se interessar por ela.

```
01  Laura:      oh eu gos- (.) gosto (.) de uma pessoa↓ (pausa) não
02             sabe de AVC. Três meses é:: procurou antes de AVC (.)
03             três meses procurou >falei assim oh< “Não quero mais”
04             porque é:: ligava e:: sumia (.)um mês (.) sumia. Eu
05             >falei assim oh< “Prefiro é:: esquecer de uma vez e::
06             começar de novo” né? Um relacionamento é:: (.) ficar
07             (.) eu prefiro não arriscar porque é:: um
08             relacionamento (.) é difícil u::ma pessoa gostar (.)
09             né?
10  Livia:     se fôr uma pessoa boa ela vai entender o que você teve
11             e vai te ajudar a superar↓
```

Na conversa acima, podemos visualizar com maior clareza a reformulação (“se fôr uma pessoa boa ela vai entender o que você teve e vai te ajudar a superar↓”) que Livia realiza da avaliação (“é difícil u::ma pessoa gostar”) que Laura fez de si própria, no turno anterior, ao expressar sua opinião de que é muito difícil alguém gostar dela sabendo que ela teve AVC. Os enunciados de Livia, por meio dos quais as discordâncias foram realizadas em ambos os segmentos de conversa apresentados acima, afiliam-se à proposta de Pomerantz (1984) de que existem circunstâncias em que sociabilidade, o apoio, o conforto, a solidariedade, entre outros, são realizados por meio de discordâncias.

As características do formato do turno da discordância enquanto ação preferida, que acabei de listar na análise acima estão presentes em todos os segmentos analisados neste estudo, como por exemplo, no segmento a seguir, onde Livia e Cândida engendram uma seqüência de elogios à Laura.

01 Livia: você é uma pessoa boni::ta (.) com saú::de=
02 Cândida: =bonita (.) simpática=
03 Laura: =saúde não.
04 Livia: saúde sim↑ (.) sabe quando a gente percebe que a gente
05 tem saúde? (.) Quando a gente vai a um hospital (.)
06 quando a gente vai a um hospital=

Em um primeiro momento, Livia direciona para Laura e profere “você é uma pessoa boni::ta (.) com saú::de”. Laura, por sua vez, discorda de Livia (“saúde não”) (linha 03). Porém, não estamos estudando este tipo de discordância, e sim o tipo que ocorre na linha 04. A organização seqüencial da conversa cria um contexto que nos possibilita interpretar que na linha 03 quando Laura profere “saúde não” ela está se referindo a ela, ou seja, ela se julga uma pessoa que não tem saúde, uma vez que o referente já foi apresentado anteriormente (você, linha 01). Então, podemos considerar que na linha 03, Laura está realizando uma auto-depreciação. No turno seguinte, Livia declara explicitamente sua discordância de uma forma contrastiva (“saúde sim↑”) que, na perspectiva de uma pessoa que apresenta seqüelas de AVC, pode ser considerada um elogio. De acordo com Pomerantz (1984: 87), um falante pode discordar “ao proferir uma segunda avaliação contrastiva (elogio e/ou negação)”. Após apresentar uma negação à auto-avaliação de Laura, Livia, assim como no exemplo anterior, realiza uma recategorização, neste caso, propondo que quem não tem saúde são as pessoas que se encontram em hospitais, subestimando a validade da auto-depreciação de Laura.

Um exemplo de discordância declarada, semelhante a esse que ocorreu no segmento acima, onde Livia discorda da auto-avaliação de Laura, pode ser observado nas linhas 06 e 08 do segmento de conversa apresentado abaixo em que Laura fala de suas expectativas de vida após o AVC.

01 Laura: é difícil né↑ (.) é::: superar isso né↓
02 Lívia: é muito difícil=
03 Laura: =e::: eu (.) é::: separada (pausa) eu terminei (.)
04 relação (.) com Fábio (.) né? outro namorado (.) não
05 vou conseguir↓=
06 Lívia: =VAI sim.=
07 Laura: =nã:::o.=
08 Lívia: =claro que vai↑

No segmento acima, Laura se auto-avalia negativamente no turno das linhas 03 a 05 (“eu (.) é::: separada (pausa) eu terminei (.) relação (.) com Fábio (.) né? outro namorado (.) não vou conseguir↓”). Tal auto-avaliação é seguida por uma discordância proferida por Lívia, na linha 06 (“VAI sim.”). Logo após a discordância de Lívia, Laura, na linha 07, discorda da opinião de Lívia, declarada em forma de discordância, no que se configura como uma auto-avaliação negativa que pode ser glosada como “não sou capaz de arrumar outro namorado”. Novamente, no turno seguinte, linha 08, Lívia volta a discordar de Laura ao proferir “claro que vai”.

As discordâncias de Lívia (linhas 06 e 08) da auto-avaliação negativa de Laura (linhas 03-05 e 07) apresentam o formato de turno de ação preferida, como era de se esperar, porém, torna-se relevante destacar que além da ausência de *gap* entre o final da linha 05 (final do turno da avaliação negativa) e o início da linha 06 (turno da discordância), e o final da linha 07 (turno da avaliação negativa) e o início da linha 08 (turno da discordância), observa-se, também, a presença de uma marcação (=) que sinaliza contigüidade entre falas. Essa marcação corrobora o caráter imediato da discordância em caso de auto-depreciação. Portanto, ao contrário de quando a discordância é uma ação despreferida, sendo adiada para o final do turno, neste exemplo temos a perfeita ilustração da preferência por discordância. Neste segmento, nas linhas 06 e 08, Lívia discorda da auto-avaliação de Laura como alguém incapaz de conseguir um outro namorado. A ênfase acentuada utilizada por Lívia ao proferir sua discordância, marcada pelas letras em caixa alta, não permite que restem dúvidas de que a discordância era mesmo a ação preferida, pois temos uma maximização dessa discordância.

Pessoas com afasia costumam subestimar suas capacidades/habilidades, ora por realmente se sentirem incapaz, ora em virtude da identidade de doente que a sociedade projeta para essas pessoas (cf. Oliveira, 2008). O discurso dessas pessoas revela essa postura assumida por elas, como vimos nos segmentos de conversa acima e veremos nos segmentos que ainda serão apresentados. Abaixo, temos um trecho de uma conversa, cujo tema era culinária, onde Carla (55 anos) expõe uma dificuldade decorrente da seqüela motora do AVC que a acometeu.

- 01 Lívía: a gente pensa que pode fazer menos do que realmente pode.
02 Carla: a:: é:: cozinho↓
03 Lívía: então.
04 Carla: casco é:: batata é:: meia hora↓ pra descascar uma batata,
05 Lívía: você demora [meia hora?
06 Carla: [é.
07 Lívía: mas cozinha, não cozinha?
08 Carla: é.
09 Lívía: então está excelente, né↑

Na linha 04, Carla constrói uma auto-crítica negativa ao falar que demora meia hora para descascar uma batata. Lívía, na posição de recipiente de tal crítica, discorda de Carla, iniciando a construção de sua discordância, na linha 05, com uma repetição parcial do enunciado de Carla (“você demora [meia hora?”), apresentando um argumento para uma posterior discordância (“mas cozinha, não cozinha?”), e finalizando essa construção, na linha 09, com uma discordância declarada (“então está excelente, né↑”). Dessa forma, Lívía constrói sua discordância ao longo de três turnos, apresentando a discordância em forma de elogio. Além disso, podemos considerar que a discordância está sendo sinalizada pela avaliação que Lívía proferiu na linha 09 em forma de avaliação contrastiva, mas existe indícios de tal discordância desde o turno seguinte à auto-depreciação. Conforme Pomerantz (1984), os componentes de discordância mais prevalentes, entre outros, consistem em repetições parciais seguidas, no mesmo turno ou em um turno subsequente, por outros componentes de discordância, e elogios, que são contrastivamente classificados em relação às formulações da auto-depreciação anterior. Neste exemplo, temos esses dois componente atuando. Também considero importante destacar que na linha

07 a conjunção contrastiva “mas” reforça a idéia de que o que está se construindo aí é uma discordância.

Até agora analisei segmentos de conversa em que Laura e Carla se auto-avaliaram negativamente e Lívia, na posição de recipiente dessas avaliações, realizou segundas-avaliações que consistiram em discordâncias. Em seguida, irei apresentar o último segmento a ser analisado neste trabalho, onde Tereza (46 anos) fala da preparação de sua festa de vinte e cinco anos de casada.

01 Tereza: diz o meu marido que vai-ele já tá fazendo tudo do
02 convite↑. ele que faz.
03 Lívia: o::lha! =
04 Tereza: = ele que fez o do nosso casamento↓ aí ele quer fazer
05 do (.) de vinte cinco anos. aí ele tá escolhendo (
06).
07 Lívia: o::::↑
08 Cândida: você ajuda ele a escolher?
09 Tereza: mas, ele tem mais idéia que eu. (pausa)
10 Cândida: aposto que você tem idéia também↑

Na linha 09, ao proferir “mas, ele tem mais idéia que eu.”, Tereza está, ao mesmo tempo, elogiando o marido e se auto-avaliando negativamente ao se comparar com ele, colocando-se em uma posição inferior quando o assunto trata-se de ter idéias para confeccionar um convite. Neste segmento, Lívia, embora participe da conversa, não se alinha ao papel de recipiente da auto-depreciação, sendo esta posição ocupada por Cândida (psicóloga). Na linha 10, podemos verificar que a avaliação positiva que Cândida realiza (“aposto que você tem idéia também”), desloca Tereza da posição em que ela se colocou para uma posição superior ao debilitar a validade da avaliação crítica por ela realizada na linha 09. Dessa forma, Cândida propõe que a avaliação que Tereza fez de si própria não é adequada, ou melhor, é indevida. O enunciado de Cândida consiste em uma forma de discordar abertamente de auto-depreciações (Pomerantz, 1984).

Torna-se relevante mencionar que, embora todas as três participantes que se auto-avaliaram negativamente (Laura, Carla e Tereza) tenham afasia, nenhuma delas tornou o déficit lingüístico relevante ao se auto-avaliar. Laura e Carla, ao se avaliarem, tornaram relevantes o AVC, suas seqüelas, mas não fizeram menção direta à afasia, sendo que Carla

tornou relevante seu déficit motor, e Laura, embora pudesse estar se referindo à afasia, já que sua única seqüela consiste na mesma, não realizou tal referência diretamente. Isso nos permitir considerar que em nenhum dos segmentos de conversa selecionados para este trabalho pessoas com afasia projetaram a identidade de afásico, o que nos leva a compreender que *ter afasia* não significa *ser afásico* em tudo que realiza.

5-Discussão dos Achados

A apresentação e análise dos dados que acabei de realizar não teve a pretensão de trazer ao conhecimento do leitor a descoberta de um novo fenômeno, mas teve o comprometimento de fornecer exemplos que ilustrem fenômenos já descobertos, com o intuito de corroborar teses postuladas por grandes estudiosos da área.

Dentre esses estudiosos, Sacks (1973) foi o primeiro a nos convidar a voltar a atenção para as preferências, defendendo que os pares adjacentes não são organizados aleatoriamente, e sim de acordo com um sistema de preferência que indica que para uma determinada PPP existe uma SPP preferida. Os dados aqui apresentados demonstram que no caso de auto-avaliações negativas esse sistema de preferência atua no sentido de levar o recipiente dessas avaliações a realizar uma discordância, sustentando a tese de Pomerantz (1984) de que em casos de auto-depreciação a discordância é a ação preferida.

Sacks (1973) defende que existe uma aparente interação entre a preferência por contigüidade e a preferência por concordância, argumentando que quando a SPP é uma concordância, ela é realizada contiguamente à PPP, ao passo que quando a SPP é uma discordância, ela pode ser adiada para o final do turno ou para outros turnos posteriores. Pomerantz (1984) se aprofundou nos estudos sobre preferências, complementando os estudos de Sacks ao propor que devemos olhar para concordâncias e discordância enquanto ações preferidas ou despreferidas, uma vez que se uma discordância é preferida seu turno é construído conforme turnos de concordância, ou seja, em contigüidade com o turno anterior. Isso ficou bem claro nos exemplos aqui apresentados, visto que as discordâncias eram apresentadas imediatamente após as auto-depreciações. Até mesmo no penúltimo exemplo, onde o componente de discordância declarado só é apresentado cinco turnos após

o turno da auto-depreciação, encontramos componentes de discordância desde o turno seguinte à auto-depreciação, o que não viola a proposta de Pomerantz que acabo de mencionar.

Podemos encontrar em todos os exemplos a construção do turno de discordância seguindo o modelo de turno de ações preferidas proposto por Pomerantz (1984), ou seja, encontramos turnos com minimização de *gap* entre auto-depreciação e discordância, e com componentes de discordância declarados. Portanto, o formato dos turnos de discordância analisado constitui exemplo claro da assunção de Pomerantz (1984) de que existe uma associação entre o status de preferência e o formato em que essa preferência é produzida, e que concordâncias e discordâncias são realizadas em turnos diferentemente organizados dependendo da preferência operante.

Nos turnos de discordância apresentados neste trabalho encontramos: i) os componentes de discordância geralmente ocupando as unidades de resposta inteiras; ii) um exemplo (o quinto) onde podemos ver a presença de um dos componentes de discordância mais prevalentes - repetição parcial; dois exemplos (o terceiro e o sexto) onde temos um outro componente de discordância também prevalente - o elogio – proferido indiretamente através da contradição da auto-avaliação negativa; iii) este mesmo componente de discordância apresentado explicitamente no quinto exemplo. Todas essas, de acordo com Pomerantz (1984), são características dos turnos de discordância em casos de auto-depreciação, o que sugere que este estudo contribuiu para a sustentação da tese da autora, além de reforçar seu caráter universal, ao fornecer exemplos de ocorrências na língua portuguesa que ilustram suas descobertas.

6- Considerações Finais:

Os segmentos de conversa analisados neste trabalho, além de cumprir com propósito inicial (fornecer exemplos que corroboram a tese de Pomerantz sobre discordâncias em casos de auto-depreciação), nos ajudam a entender um pouco melhor as pessoas com afasia. Como vimos no primeiro item deste trabalho, a afasia é um comprometimento da linguagem, embora muitos que ainda não se dispuseram a entender

essa patologia a associe com disfunções de ordem psíquico-comportamental. Portanto, devemos sempre ter em mente que afasia não é doença mental, e que pessoas com afasia não perderam a capacidade de raciocinar, realizar julgamentos e agir em adequação com o contexto. Isso nos permite afirmar que afasia não implica em perda da capacidade de interagir socialmente, seja participando de conversas, seja através de qualquer outra atividade que demande competência social.

Entretanto, faz-se importante ressaltar que existem casos em que a afasia vem acompanhada por modificações no comportamento, nas esferas intelectuais e emocionais, nas atitudes e na personalidade, o que acaba por influenciar a competência social no sentido de trazer prejuízos para as interações cotidianas da vida social. Além disso, devemos levar em consideração que severos comprometimentos das capacidades de produção e compreensão verbal trazem repercussões para a vida social de pessoas com afasia, uma vez que grande parte do discurso cotidiano é constituída por ações verbais, e que somos atores de um cenário social que abarca, predominantemente, práticas discursivas.

Enfim, as conversas apresentadas neste artigo nos mostram que pessoas com afasia, dependendo do comprometimento lingüístico apresentado e de sua severidade, podem perfeitamente participar da organização pragmática da fala-em-interação, demonstrando sua competência social para conversar.

Referências:

- COULON, A. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes. Capítulos 1-5, 1975.
- DURANTI, A. Conversational exchanges. In: Duranti, A. *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, cap. 8, 1997.
- GAGO, Paulo C. 2005. A organização seqüencial da conversa. *Revista Calidoscópio*, v. 03, n.2, p. 61-73, 2005.
- MORATO, E. M. Neurolingüística. In: Mussalim, F. & Bentes, A. C. (Orgs.) *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, v. 2, p. 143-170, 2004.
- MURDOCH, B. E. *Desenvolvimento da fala e distúrbios da linguagem – Uma abordagem neuroanatômica e neurofisiológica*. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

PSATHAS, G. Discovering sequences in interaction. In: *Conversation Analysis: The study of Talk-in-Interaction*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

PSATHAS, G. Sequence and structure in interaction. In: *Conversation Analysis: The study of Talk-in-Interaction*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

POMERANTZ, A. Agreeing and disagreeing with assessments: some features of preferred/dispreferred turn shapes. In: Aktinson, J. M. & Heritage, J. (eds.), *Structures of Social Action: Studies in conversation Analysis*. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1984.

SACKS, H. On the preferences for agreement and contiguity in sequences in conversation. In: BUTTON, G. & LEE, J. R. E. (eds), *Talk and Social Organization*. Clevedon: *Multilingual Matters*, 1973.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Revista Veredas de Estudos Lingüísticos*, v. 7, n. 12, p. 01-67, 2005. Tradução do original: A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SCHEGLOFF, E. The Organization of Preference/Dispreference. Apostila do curso *Conversational Structures*, UCLA, p. 54-89, 1995.

Anexo:

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

Adaptação (Jefferson, 2002)

[colchetes]	fala sobreposta.
(0.5)	pausa em décimos de segundo.
(.)	micropausa de menos de dois décimos de segundo
=	contigüidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos.
.	descida de entonação.
?	subida de entonação.
,	entonação continua.
?,	subida de entonação mais forte que a virgula e menos forte que o ponto de interrogação.
:	alongamento de som.
-	auto-interrupção.
<u>sublinhado</u>	acento ou ênfase de volume.
MAIUSCULA	ênfase acentuada.
°	fala mais baixa imediatamente após o sinal.

°palavras°	trecho falado mais baixo.
palavra:	descida entoacional inflexionada.
palavra:	subida entoacional inflexionada.
↑	subida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos sublinhados.
↓	descida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos precedidos de sublinhado.
>palavras<	fala comprimida ou acelerada.
<palavras>	desaceleração da fala.
<palavras	início acelerado.
hhh	aspirações audíveis.
(h)	aspirações durante a fala.
.hhh	inspiração audível.
(())	comentários do analista.
(palavras)	transcrição duvidosa.
()	transcrição impossível.

Domínios de Linguagem